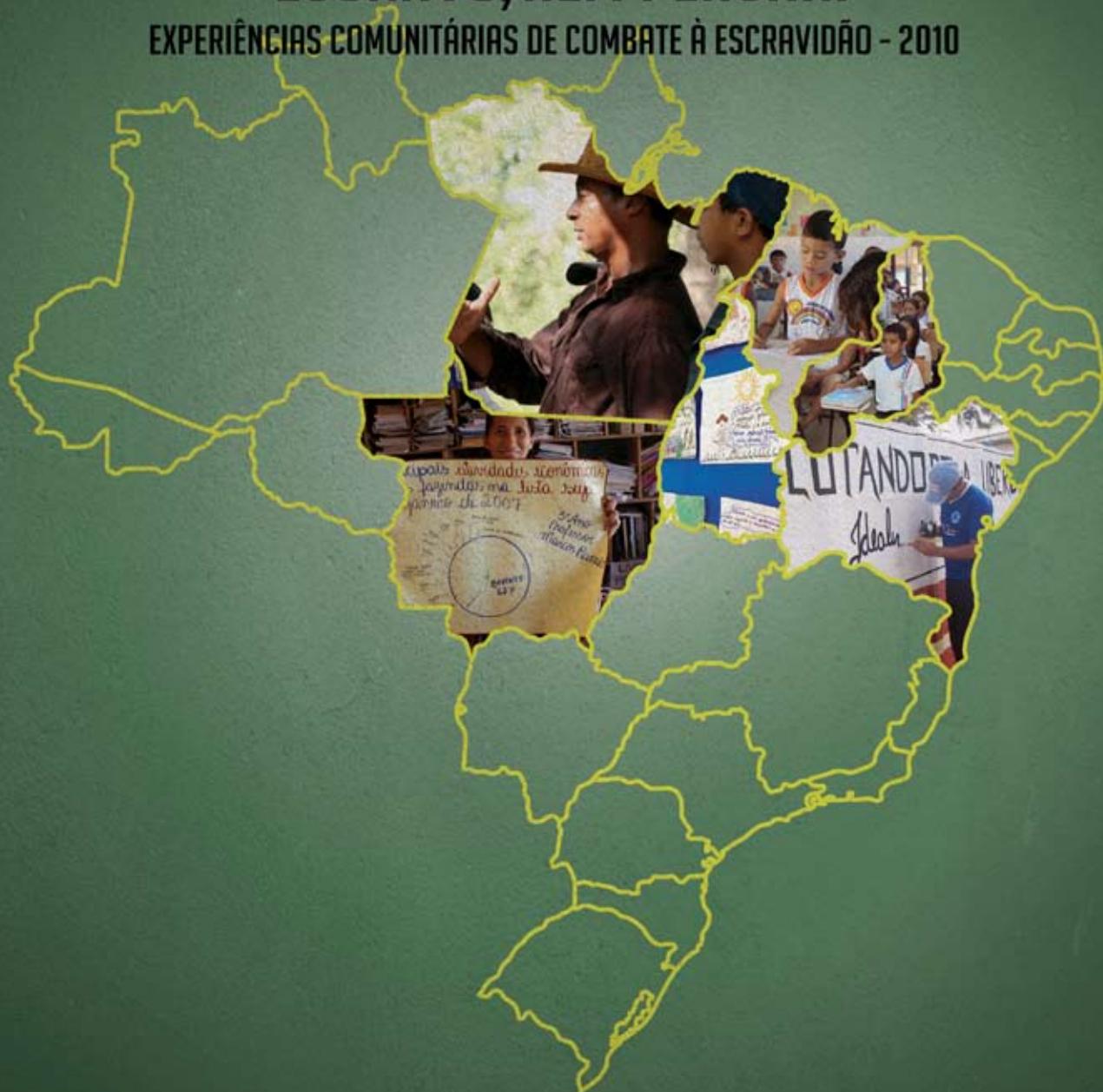


“ES CRAVO, NEM PENSAR!”

EXPERIÊNCIAS COMUNITÁRIAS DE COMBATE À ESCRAVIDÃO - 2010



APRESENTAÇÃO

Em 10 municípios de seis Estados do país, professoras, estudantes, sindicatos e entidades da sociedade civil dedicaram-se a desenvolver ações para prevenir o trabalho escravo rural contemporâneo. Apoiados pelo programa educacional “Escravo, nem pensar!”, coordenado pela ONG Repórter Brasil, e pela Catholic Relief Service, onze projetos comunitários elaboraram soluções diversificadas e criativas para alertar crianças, jovens e adultos sobre a triste persistência da exploração de mão de obra escrava.

As experiências apresentadas nesta cartilha mostram que, apesar de enfrentar dificuldades, as participantes dos projetos tiveram a oportunidade de tomar contato com o assunto, conhecer as histórias de trabalhadores rurais submetidos a condições desumanas de trabalho e, principalmente, se envolver na luta pela erradicação dessa forma de violação dos direitos humanos.

Os projetos foram selecionados por meio de edital lançado no início de 2010 pelo programa “Escravo, nem pensar!”. Cada iniciativa recebeu recurso financeiro de até R\$ 1 mil, de acordo com o orçamento apresentado. Os participantes também receberam apoio técnico e acompanhamento mensal para que as atividades fossem bem-sucedidas. Desde 2007, cinquenta projetos comunitários já foram apoiados pela ONG Repórter Brasil. O sucesso dessa iniciativa aponta para a importância de estimular o engajamento da população no combate à prática do trabalho escravo e, dessa forma, colaborar para o fortalecimento de entidades que já desenvolvem seus trabalhos para fazer valer os direitos fundamentais do ser humano.

LUTANDO PELA LIBERDADE, IDEALIZANDO UMA VIDA MELHOR - PORTO FELIZ (BA)

• **QUEM REALIZOU:** Colégio Municipal Firmino Ferreira Sampaio, localizado no Distrito de Piritiba.

• **A IDEIA:** Esclarecer para professoras, alunos, alunas, funcionários e funcionárias questões sobre os direitos trabalhistas e informações para prevenir o aliciamento para o trabalho escravo.

Este projeto veio em uma hora certa, veio aclarar o pensamento de todos e, principalmente, de nós jovens que somos presas mais fáceis em mãos de aliciadores, somos nós mulheres e homens que eles costumam mais traficar.

aluna Amanda Trindade durante apresentação do projeto na Igreja de Piritiba

• **GRAFITAGEM, DOCUMENTAÇÃO E ENVOLVIMENTO:** Além de levantar a discussão sobre trabalho escravo, o projeto movimentou toda a comunidade escolar para além da sala de aula. Alunos e alunas grafitaram o muro da escola com mensagens sobre o tema, demonstrando grande entusiasmo: um aluno, conhecido pelos professores por ser “difícil”, se identificou com a atividade e participou com entusiasmo da pintura, liderando o grupo e acrescentando novas ideias. Estudantes com mais de 18 anos foram à cidade de Jacobina para obterem sua primeira carteira de trabalho no Serviço de Atendimento ao Cidadão, e o projeto foi divulgado na missa de domingo e na rádio FM Aymoré, a convite do secretário municipal de Educação.

Houve grande envolvimento de funcionários e funcionárias da escola, como porteiros, merendeiras, faxineiras e fiscais de pátio na realização do projeto. Para as idealizadoras, se até então a equipe da escola não costumava participar dessas atividades, perceberam que poderiam exercer seu papel na formação de alunos e alunas e ficaram radiantes com a proposta.

• **A ESCRAVIDÃO E A CIDADE:** Antes de o projeto ser iniciado no colégio, alunos e alunas tinham a visão da escravidão abolida em 1888, o escravo negro vivendo na senzala sob o jugo do seu senhor. Após pesquisas em ‘sites’ em que viram notícias atuais sobre trabalhadores libertados e suas condições de trabalho, puderam perceber que, independentemente da época, da cor e da etnia, a escravidão ainda se faz presente no Brasil.

Após o projeto ter sido apresentado a mães, pais e demais interessados em conhecê-lo, algumas pessoas disseram ter familiares que já haviam sido escravizados e que o projeto “caía como uma luva” na cidade.

Mas também houve algumas dificuldades, como a desconfiança de parte dos moradores em responder entrevistas elaboradas por alunos e alunas sobre a ocorrência de casos de trabalho escravo no município. Por se tratar de tema polêmico, alguns pensaram que a atividade possuía intenções políticas e não quiseram expor suas opiniões.





Alunos e alunas da escola realizam grafiteagem do muro que mobilizou toda a escola



A organização do projeto levou alunos e alunas ao Serviço de Atendimento ao Cidadão para obtenção de Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS)



Estudantes dançando durante a culminância do projeto

Folheto distribuído para a comunidade com o intuito de alertar e conscientizar a população sobre o trabalho escravo

Projeto:
Lutando pela liberdade idealizando uma vida melhor.

Realização:
Colégio Municipal Firmino
Ferreira Sampaio Neto
Porto Feliz, Piritiba - Bahia

Apoio:
ONG **Repórter Brasil**
Prefeitura Municipal de Piritiba

Telefones úteis - Onde Denunciar

Assessoria	(71) 3611-2500
Mulheres	(71) 3233-1475
Serviço Social	(71) 3238-4072
Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais (AATR)	(71) 3329-7381
Sinistreiro do Brasil	(11) 2041-4882
Serviço Maria da Vitória	(71) 3383-1343
Vitória da Consolação	(71) 3424-0769
Justiça	(71) 3623-0777

Cronograma

Abril: Apresentação do Projeto;
Maio: Pesquisa sobre o tema;
Junho: Construção de panfletos e grafiteagem;
Julho: Palestra com advogado;
Agosto: Poesias, dramatizações e paródias;
Setembro: Obtenção da carteira de trabalho;
Outubro: Culminância do Projeto.

Escravo, Nem Pensar!

Porto Feliz - 2000



A melhor idade também fez a sua parte apresentando danças de roda que foram ensaiadas com o apoio dos agentes comunitários de saúde, também envolvidos no projeto

COMUNICAR PARA LIBERTAR - AÇAILÂNDIA (MA)

- **QUEM REALIZOU:** Associação Rádio Comunitária Açailândia FM (Arca FM)

- **A IDEIA:** Formar e informar adolescentes, jovens e adultos sobre o problema do trabalho escravo, por meio da produção de quatro pequenos programas de rádio ('spots'), veiculados durante a programação da rádio Arca FM. As gravações tiveram oito chamadas diárias na programação da emissora e são quadro fixo no programa "Direitos Humanos, Um Desafio para a Vida" que vai ao ar todos os sábados de manhã.

- **A PRODUÇÃO DOS PROGRAMAS DE RÁDIO:** Os programas foram elaborados por jovens que participam da rádio, com orientação da coordenadora do projeto, Vanusia Gonçalves, e apoio da equipe do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos de Açailândia (CDVDH). O Centro de Defesa atua no município desde 1996 e cumpre importante papel no apoio aos trabalhadores rurais.

O primeiro passo foi a realização de pesquisas no CDVDH para conhecer casos de exploração de mão de obra escrava ocorridos no próprio município. Antes disso, os jovens não conheciam de perto o problema. Depois, entrevistaram alguns trabalhadores que já haviam sido libertados. Um desses trabalhadores concedeu uma entrevista que foi gravada e transmitida pela rádio.

Os programas falaram sobre o próprio projeto, a definição de trabalho escravo, dificuldades que as pessoas submetidas à condição análoga a de escravo encontram para serem inseridas no mercado de trabalho, e a "lista suja" do trabalho escravo.

- **A MULTIPLICAÇÃO DA INFORMAÇÃO:** A rádio ARCA FM está localizada no bairro Vila Ildemar, o mais populoso de Açailândia, com cerca de quatro mil famílias. O local é ponto de chegada de trabalhadores de várias partes do Estado do Maranhão que buscam moradia e emprego nas usinas siderúrgicas instaladas na cidade. O bairro também concentra o maior número de trabalhadores já libertados de situação análoga a de escravo em Açailândia.

Os 'spots' produzidos foram distribuídos às rádios comunitárias parceiras da Arca FM no Maranhão: Rádio Brejão FM, de São Francisco do Brejão, e Rádio Liberdade FM, de Bom Jesus das Selvas. Os municípios onde a equipe da rádio realizou cursos de comunicação também receberam os 'spots'. São eles: Vila Nova dos Martírios, Cidelândia e Arame.

Com a realização deste projeto, pudemos mostrar aos nossos colaboradores da rádio que podemos e devemos levar informações que contribuem para o desenvolvimento da comunidade e não necessariamente reproduzir os modelos já existentes. Além disso, foi uma oportunidade única para que a equipe do projeto pudesse conhecer de perto a realidade que vivem milhares de trabalhadores e trabalhadoras de todo o Brasil. Não fizemos uma pesquisa precisa com a comunidade acerca dos programas, mas percebemos em momentos de conversa com algumas pessoas da comunidade que os programas estavam bem explicados e aceitos.

Vanusia Gonçalves,
coordenadora do projeto





Jovens durante a gravação dos 'spots' na rádio Arca FM

EDUCAR PARA CONSCIENTIZAR, COMBATER E FORMAR: LITERATURA, A ARTE QUE IMITA A VIDA - SANTA LUZIA (MA)

- **QUEM REALIZOU:** Sindicato dos Trabalhadores na Educação (Sintraed) de Santa Luzia.
- **A IDEIA:** Realizar concurso literário para disseminar informações, prevenir e combater a prática do trabalho escravo, bem como desenvolver habilidade de leitura, interpretação e produção de textos em alunos e alunas.
- **CONCURSO DE DESENHOS, POESIAS E CRÔNICAS:** As escolas foram chamadas a participar do concurso por meio de um edital divulgado pela equipe do sindicato e durante visitas às escolas da região. Antes de desenvolverem o projeto com seus estudantes, as professoras receberam formação sobre como inserir o tema da escravidão contemporânea em atividades na sala de aula. Participaram onze escolas do município.

Os trabalhos de alunos e alunas deveriam abordar a temática do trabalho escravo e foram premiados de acordo com as categorias: desenho (para alunos do Ensino Infantil), poesia (para alunos do 5º ano) e crônicas (para alunos do 6º ano). As professoras que orientaram os trabalhos selecionados também receberam prêmios. Com os textos e desenhos produzidos no decorrer do projeto fez-se uma coletânea.

- **A PREMIAÇÃO:** A premiação ocorreu em uma grande festa no auditório do Sintraed com a presença de estudantes das escolas participantes e suas famílias. Também houve apresentações de teatro, paródias, exposição dos desenhos, declamação de textos e depoimento de um trabalhador libertado de uma fazenda no município de Santa Luzia. O sindicato buscou parcerias para comprar os prêmios ('netbooks', câmeras digitais, 'notebooks') e contou com o apoio da Secretaria Municipal de Educação, que também forneceu materiais pedagógicos para a continuidade das atividades.

O projeto conseguiu fazer com que as educadoras percebessem a proximidade do tema com o cotidiano de alunos e alunas e chamou atenção para o perigo do aliciamento, além de promover a leitura e a informação como forma de prevenção.

O projeto desenvolvido aqui em Santa Luzia, por meio de um concurso literário nas escolas, nos proporcionou momentos de grandes reflexões e descobertas sobre a situação desumana, de injustiça e de humilhação em que se encontram nossos trabalhadores. Muitos desses são pais de nossos alunos e deixaram um marco significativo na Educação Infantil, em que professores e crianças encontram-se de corações desejosos de luta por uma vida digna para esse povo oprimido

professoras da Educação Infantil:
Antonia Pereira Sousa
e Maria Antonia da Conceição Sousa



Elbna Ferreira Carvalho, do Sintraed em palestra sobre o projeto em escola da região de Santa Luzia



Alunos e alunas do Jardim de Infância Arco-Íris fazem desenhos sobre o tema



Alunos e alunas vencedoras lêem seus textos durante a premiação



Desenho vencedor do Concurso Literário foi capa da coletânea de textos e desenhos e também do banner do projeto



No dia das apresentações as coletâneas foram distribuídas; na parede, um cartaz alertando sobre o trabalho escravo

ERRADICAÇÃO DO TRABALHO ESCRAVO CONTEMPORÂNEO - CONFRESA (MT)

- **QUEM REALIZOU:** Centro de Jovens e Adultos Creuslhi de Souza Ramos, localizado na cidade.
- **A IDEIA:** Sensibilizar a comunidade para o combate ao trabalho escravo contemporâneo, por meio de atividades em diferentes áreas do conhecimento – Linguagem, Ciências Humanas e Sociais, Ciências da Natureza e Matemática –, oficinas e mostra cultural.
- **ESTUDO E ARTE CONTRA O TRABALHO ESCRAVO:** Alunos e alunas da escola assistiram a filmes sobre o tema do trabalho escravo, participaram de oficinas sobre direitos trabalhistas e de leitura, realizaram pesquisas sobre as regiões com maior número de trabalhadores escravizados, e confeccionaram desenhos, pinturas, poesias, peça de teatro, literatura de cordel e histórias em quadrinho.

Os materiais produzidos foram expostos na V Noite Cultural, aberta à comunidade. Nessa mesma noite, alunos e alunas apresentaram uma peça de teatro sobre o massacre de trabalhadores rurais sem-terra em Eldorado dos Carajás. Estima-se que mais de 400 pessoas assistiram às apresentações.

• **RESISTÊNCIAS E PARCERIAS:** No início, algumas educadoras da escola ficaram reticentes sobre a abordagem do tema em sala de aula, preocupadas se isso seria papel da escola. A professora Maria José Coelho, da Creuslhi, e a formadora Margareth Bonora, do Centro de Formação e Atualização de Professores (Cefapro), se empenharam para mostrar a importância da discussão em especial no ambiente escolar, como espaço de reflexão sobre os problemas da sociedade. Assim, toda escola se empenhou no desenvolvimento do projeto. Elas ainda ministraram uma palestra na Escola Estadual Teotônio Carlos Cunha Neto.

O representante da Comissão Estadual de Erradicação do Trabalho Escravo (Coetrae) de Mato Grosso e Gerente em Educação do Campo, professor Rui Leandro Silveira, realizou, a convite das professoras, uma palestra sobre o que é a comissão e a importância de se discutir o trabalho escravo nas escolas.

Em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), foram oferecidas oficinas de cooperativismo e produção artesanal de sabonetes às quais alunos e alunas não deixaram de comparecer um só dia.

Trabalhar o projeto foi muito gratificante até porque eu não conhecia o assunto. Fico triste ao saber que no nosso meio existam situações tão revoltantes como o trabalho escravo; o projeto me ajudou a enxergar um problema que é de todos. Percebi que as pessoas devem se informar ainda mais e crescer dentro delas a sede de justiça, como cresceu em mim. Fiquei surpresa com o envolvimento dos alunos e com o interesse que eles tiveram em estudar o tema abordado, e com isso, muitos tiveram a oportunidade de relatar fatos vividos em família, e de ouvir depoimentos de alunos que viveram essa exploração.

Professora Alessandra de Jesus



Mapa produzido por alunos e alunas com números de trabalhadores escravos por Estado



Painel com réplicas das ferramentas utilizadas pelos trabalhadores rurais



Apresentação de estudantes sobre o massacre de trabalhadores sem-terra em Eldorado dos Carajás



Exposição dos desenhos produzidos por alunos e alunas da escola Creusilhi de Souza Ramos

AS CONSEQUÊNCIAS DO DESEMPREGO PARA O TRABALHO ESCRAVO - CONFRESA (MT)

- **QUEM REALIZOU:** Escola Municipal Valdemiro Nunes de Araújo, localizada no campo.
- **A IDEIA:** Discutir com estudantes e professoras da Escola Municipal Valdemiro Nunes de Araújo e com a comunidade de Vila Veranópolis, onde fica a escola, a relação entre o desemprego e o aumento do trabalho escravo na região.

- **ESTUDANTES TRABALHADORES:** O projeto começou com leituras de textos, exibição de filmes e debates sobre o trabalho escravo contemporâneo entre alunos e alunas. Por se tratar de uma escola em que a maioria dos estudantes são jovens e adultos que trabalham na área rural, alguns deles puderam identificar que estavam sendo vítimas de trabalho escravo e de exploração.

Ao participarem das atividades, alunos e alunas compartilharam algumas experiências de trabalho: o difícil acesso às fazendas, a falta de assistência médica, a má qualidade da alimentação, a situação precária dos alojamentos, além dos baixos salários. Também relataram que a responsabilidade de sustentar a família e a falta de opção de empregos os obriga a trabalhar acima da carga horária diária permitida por lei.

Por conta da grande identificação com o tema, a vontade em desenvolver o projeto foi ainda maior. Alunos e alunas decidiram fazer uma pesquisa nas ruas para obter mais dados sobre as condições de trabalho na região. Descobriram casos de trabalhadores que chegavam a trabalhar 14 horas por dia em pé, sem direito a descanso e recebendo 20 reais pela diária.

- **APRESENTAÇÃO PARA A COMUNIDADE:** Estudantes e professoras desenvolveram uma peça de teatro para tratar das causas que levam um trabalhador a migrar em busca de trabalho. Também fizeram paródias e confeccionaram panfletos.

As responsáveis pelo projeto buscaram parcerias para superar as dificuldades, como o apoio da Secretaria Municipal de Educação que ofereceu impressões, fotocópias e a tenda para as apresentações.

A festa de encerramento do projeto contou com a presença de líderes religiosos, moradores e moradoras antigas da região e da comunidade escolar. Alunos e alunas da Educação Infantil apresentaram paródias e uma peça de teatro sobre o trabalho infantil.

O projeto nos trouxe vários benefícios, entre eles a reflexão sobre o trabalho escravo que é frequente em nossa região e pouco conhecido como tal. Com seu desenvolvimento descobrimos que entre nossos educandos houve casos de exploração de trabalho. Durante o desempenho do projeto, foram discutidos os direitos e deveres dos trabalhadores, que contribuiu como esclarecimento, uma vez que a maioria não tinha conhecimento por serem pessoas com dificuldades de leitura e difícil acesso aos meios multimídias. O que se percebe é que a escola é um meio de transmitir esses conhecimentos para a população. E abraçamos a causa pensando na melhoria e diminuição do trabalho escravo em nossa região.

Professora Gilza Pessoa





Alunos e alunas acorrentados durante apresentação sobre o trabalho escravo



Alunos e alunas da Escola Valdemiro Nunes se preparam para apresentação da peça de teatro



Professora Cleuza Ferreira da Costa Silveira expõe cartaz produzido durante as atividades do projeto. O gráfico em pizza mostra, em porcentagem, as atividades econômicas das fazendas na "lista suja"



Estudantes e comunidade reunidos para as apresentações dos trabalhos desenvolvidos durante o projeto

Cada aluno também representou um determinado agente envolvido no trabalho escravo



A LIBERDADE NÃO TEM COR - PORTO ALEGRE DO NORTE (MT)

- **QUEM REALIZOU:** Escolas Estaduais Alexandre Quirino de Souza e Gilvan de Souza, localizadas na cidade.
- **A IDEIA:** Promover a discussão sobre o trabalho escravo na escola, além de refletir sobre a influência afro em nossa cultura por meio da música.
- **ESTUDANTES TRABALHADORES:** Na escola Alexandre Quirino, o projeto foi desenvolvido com alunos e alunas do Ensino Fundamental e na escola Gilvan de Souza participaram estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Muitas atividades foram realizadas: discussões sobre o conceito de trabalho, exibição de filmes com depoimentos de trabalhadores libertados, dinâmicas sobre a formação de redes de prevenção ao trabalho escravo e leituras de poemas. Estudantes elaboraram um glossário com as palavras mais comuns referentes à escravidão contemporânea e criaram poemas, paródias, músicas, desenhos e cartazes.

A iniciativa de alunos e alunas foi muito importante: propuseram temas a serem trabalhados em sala de aula, e saíram às ruas para conhecer melhor a realidade do município, quando perceberam que não conheciam as verdadeiras condições de vida e de moradia dos habitantes. A experiência contribuiu para enriquecer os debates durante as atividades.

- **APRESENTAÇÃO PARA A COMUNIDADE:** Maíra Lemos e Alexandre Oliveira Lemos, educadores de São Félix do Araguaia (MT), ofereceram oficinas de percussão que tiveram como tema a influência afro na música popular. Também trabalharam a expressão e a percussão corporal, canto e técnicas instrumentais. As atividades musicais ensinaram alunos e alunas a trabalharem de forma conjunta, com respeito e solidariedade, contribuindo para a criatividade e trabalho coletivo.

O projeto contou com a parceria da Associação Terra Viva, entidade que, desde 1988, oferece alternativas para a agricultura familiar em contraposição à monocultura e ao agronegócio. A entidade cobriu os custos das aulas e cedeu uma parte de seu espaço na Rádio Tapirapá para a transmissão de programas de rádio produzidos por alunos e alunas na escola.

Outra parceira importante foi a Comissão Pastoral da Terra que realizou palestras sobre o papel da entidade e sobre trabalho escravo.

Anteriormente, os alunos e até mesmo alguns professores não tinham conhecimento sobre o assunto. Após o aprofundamento dos estudos, houve maior conscientização, tanto por parte da escola e da sociedade como um todo. Pois passaram a compreender as proporções desta temática nos dias atuais. No decorrer do projeto pudemos perceber as situações críticas que infelizmente ainda existem no Brasil. Percebemos trabalhadores em condições desumanas que, além de serem explorados dia e noite, são obrigados a permanecerem em alojamentos com péssimas condições humanas. Este projeto nos fez pensar que isso só vai ter fim quando a famosa e tão falada Reforma Agrária acontecer de fato e todos os trabalhadores forem tratados igualmente.

Alunas: Viviane Ordonio
e Bárbara Montel





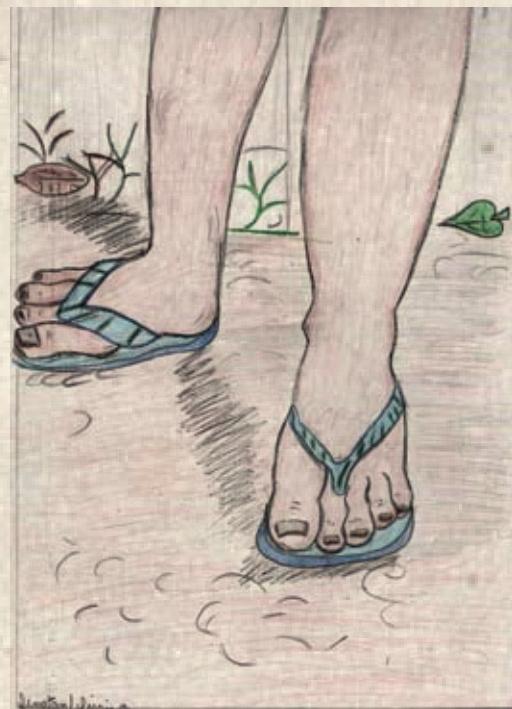
Alunos e alunas apresentam músicas ensaiadas durante as aulas de percussão



Estudantes também trabalharam a expressão corporal e criaram músicas sobre o trabalho escravo



O professor de música Alexandre Lemos durante as atividades de percussão com alunos e alunas



Desenho produzido durante o projeto retratando a vida do trabalhador

AGRICULTURA FAMILIAR X TRABALHO ESCRAVO - BARRAS (PI)

- **QUEM REALIZOU:** Agentes da Comissão Pastoral da Terra (CPT)
- **A IDEIA:** Construir, com comunidades da região, novas alternativas de obtenção ou complemento de renda que impeçam a migração forçada de trabalhadores rurais de Barras, no Piauí, para outros Estados.
- **TRABALHO ESCRAVO E AGRICULTURA FAMILIAR:** O grupo pensou na prevenção ao trabalho escravo de forma mais ampliada, por meio do fortalecimento da agricultura familiar como forma de evitar o aliciamento de trabalhadores.

Nas comunidades, o grupo exibiu vídeos sobre trabalho escravo, ministrou palestras sobre agricultura familiar, apresentou as linhas de financiamento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e instruções sobre como obter esses créditos. Para incentivar os pequenos agricultores, a equipe mostrou exemplos de comunidades que implantaram o sistema coletivo de agricultura e hoje conseguem obter alimentos e renda para as famílias que dele participam.

Os realizadores do projeto avaliaram que a exibição de vídeos teve grande importância, pois foi possível prender a atenção do público, sensibilizando a comunidade para a situação enfrentada por muitos trabalhadores rurais.

- **A PARTICIPAÇÃO DE ESCOLAS:** O projeto também realizou palestras em escolas da região, promoveu discussões e exibiu filmes a estudantes. Alunos e alunas criaram dramatizações envolvendo a exploração do trabalho escravo, mas também trataram da rotina do trabalhador e de sua família quando este tem que migrar em busca de emprego. Com isso, o grupo conseguiu aliar às ações de fortalecimento da agricultura familiar uma campanha de informação sobre a prática do trabalho escravo.

Com referência ao objetivo geral, não conseguimos atingi-lo por completo, pois sabemos que para que isso aconteça é necessário que esse público tenha garantido para si um conjunto de políticas públicas, como educação e saúde de qualidade, uma reforma agrária verdadeira, em que o assentado tenha créditos e assistência técnica permanente e de qualidade, além de pronto atendimento na hora da elaboração de projetos nos órgãos competentes. Esses são direitos mínimos, porém essenciais para que o homem e a mulher do campo possam permanecer e dar as condições necessárias de vida para sua família no próprio local de origem.

Raimundo Oliveira Cardoso,
da CPT de Barras





Alunos e alunas da escola da comunidade Matinha, em Nossa Senhora dos Remédios, encenam o momento de libertação dos trabalhadores pelo Grupo Móvel de Fiscalização



Projeto de agricultura familiar iniciado na comunidade São Luís, em Barras; em destaque, a horticultura



Moradores e moradoras da comunidade de São Luís durante palestra sobre agricultura familiar



Alunos e alunas da escola Nemésio Marques Lages, na comunidade Barro Preto, assistem ao filme "Aprisionados por Promessas", produzido pela CPT

TRABALHO ESCRAVO: UM MAL A SER COMBATIDO - XAMBIOÁ (TO)

- **QUEM REALIZOU:** Escola Municipal Dom Cornélio Chizzini, localizada na cidade.
- **A IDEIA:** Promover palestras e debates com mães, pais, alunos e alunas sobre trabalho escravo rural para auxiliar na erradicação das práticas de aliciamento ao trabalhador na região e alertar a população para o risco que correm de serem vítimas do trabalho escravo.

- **ARTE E CRIATIVIDADE:** Entre as atividades desenvolvidas por alunos e alunas estão a confecção de cartazes, a produção de colcha de retalhos pintados a mão com desenhos sobre o tema, paródias, peças de teatro e de fantoches, envolvendo tanto crianças como jovens.

Para apresentar as produções, foi realizado um Festival de Talentos no Ponto de Cultura da cidade. O público se mostrou muito atraído pelas apresentações, o que fez com que a mensagem chegasse a um número grande de pessoas.

Foi um projeto envolvente e intenso, pois unificou escola e sociedade para tratar de algo que transparecia no meio social, mas que poucos viam ou reconheciam a existência. Através deste projeto consegui visualizar o contraste de uma nação tão rica e criativa, como é a nação brasileira, ao mesmo tempo verificar a existência humilhante do trabalho forçado. Por meio da pesquisa de campo realizada no seio da sociedade xambioaense percebi que ainda falta muita informação ou que esta não chega até quem realmente necessita.

aluna Maísa Sousa de Jesus (9º ano)

- **A ESCOLA E A CIDADE:** A escola promoveu uma passeata pela cidade com alunos e alunas carregando cartazes de alerta sobre o perigo do trabalho escravo.

Para conhecer melhor o município, o projeto promoveu, em parceria com o Instituto Opinião de Xambioá, uma pesquisa na periferia para obter dados locais sobre as condições de trabalho da população e o cumprimento dos direitos trabalhistas na região, bem como o conhecimento dos moradores sobre o trabalho escravo. Foram entrevistadas 72 pessoas que responderam se já tiveram carteira de trabalho assinada, qual salário recebem, o que sabem sobre trabalho escravo, com que idade começaram a trabalhar, entre outras questões. A pesquisa completa pode ser vista no site http://www.xambioa.to.gov.br/noticias_25_08_2010.htm.

O projeto conseguiu mobilizar a população para o combate às práticas de aliciamento de pessoas para o trabalho escravo, conseguiu conscientizá-las sobre seus direitos trabalhistas e fazer com que diagnosticassem situações de trabalho escravo.





Camiseta do projeto "Trabalho Escravo: um mal a ser combatido", pintada à mão pelos alunos da escola



Pedaco da colcha de retalhos sendo pintada por um aluno da escola municipal Dom Cornélio Chizzini



Mural com os desenhos produzidos por alunos e alunas da escola Dom Cornélio Chizzini



Alunos e alunas posam orgulhosos para foto com os fantoches confeccionados para a apresentação do teatro de bonecos



A passeata realizada pela escola contou com a participação de mães, pais e comunidade escolar

TRABALHO ESCRAVO: ESCLARECER, EDUCAR E TRANSFORMAR - MARABÁ (PA)

- **QUEM REALIZOU:** Escola Municipal Pedro Valle, localizada no campo.
- **A IDEIA:** Desenvolver diversas atividades de prevenção e conscientização sobre trabalho escravo rural, com participação de estudantes, mães, pais e comunidades vizinhas à escola. Houve duas atividades de destaque, não só pelo empenho de suas executoras, mas também porque representaram mudanças nas comunidades: a realização de um filme e as oficinas de artesanato, como alternativa para complemento da renda familiar.

- **TEATRO NAS COMUNIDADES E PRODUÇÃO DE VÍDEO:** Estudantes e professoras elaboraram o roteiro da peça “A Esperança Perdida”, encenada em nove comunidades, quando foram realizadas as filmagens que se transformaram em um filme. Alunos e alunas se esforçavam a cada encenação para aprimorar as cenas e as falas, dada a importância que atribuíram ao tema. Durante as apresentações, a platéia manteve toda a atenção e, ao final, foram problematizadas as condições de trabalho a que eram submetidas as personagens. Algumas pessoas puderam perceber que já haviam enfrentado aquela situação, sem saber que era escravidão.

O projeto teve algumas dificuldades ao longo do ano. As parcerias firmadas para garantir a edição do filme e, no início, a execução das oficinas de artesanato não deram certo. A equipe idealizadora, contudo, buscou novos contatos e conseguiu desenvolver as ações que haviam planejado. Para a alegria e orgulho de todas, o filme participou do Festival de Cinema de Parauapebas e ganhou como melhor filme regional, vendendo 200 cópias da edição.

- **OFICINAS PARA MÃES E PAIS:** As oficinas de artesanato com produtos recicláveis foram divididas em quatro módulos – e continuarão sendo ministradas mesmo após a conclusão do financiamento do projeto.

Na primeira etapa, participantes receberam informações sobre lixo e resíduos. Depois, aprenderam a confeccionar cestos de papel e juntaram garrafas PET para o módulo seguinte. Mães e pais de estudantes irão confeccionar sofás, luminárias e vassouras. A proposta de comercialização das vassouras em um supermercado de Marabá deixou as participantes muito entusiasmadas a buscarem uma alternativa de geração de renda, com a criação de uma cooperativa.

Foi uma experiência difícil, pois os pais dos meus alunos se identificaram com o trabalho escravo e com o projeto, porém puderam observar que são eles os mais vulneráveis a serem escravizados. Em algum momento da vida deles, eles já haviam sido escravizados e achavam que tinha que ser assim mesmo, pois não tinham escolaridade e o patrão dizia que não podia aumentar o salário por isso. Eles se emocionaram muito por se tratar de algo real.

Professora Juraci Alves Vieira,
diretora da Escola Pedro Valle





Alunos da escola Pedro Valle encenando a peça “Esperança Perdida”, transformada em filme, nas dependências da escola durante visita da equipe da Repórter Brasil



O projeto percorreu diversas comunidades da região de Marabá apresentando a peça e compartilhando informações sobre trabalho escravo contemporâneo e como não cair no aliciamento



A vassoura já obteve proposta de comercialização em um supermercado de Marabá; ao fundo, participantes na oficina de artesanato assistem atentos às apresentações

Alunos e alunas realizaram pesquisas e discutiram sobre o trabalho escravo em sala de aula. Na foto, confeccionam cartazes que ficaram expostos na escola



As crianças se empenharam na apresentação de paródias sobre o tema do trabalho escravo

ESCRAVO, NEM PENSAR - SÃO GERALDO DO ARAGUAIA (PA)

- **QUEM REALIZOU:** Escola Municipal Raimundo Ferreira Lima, localizada na cidade.
- **A IDEIA:** Conscientizar alunos e alunas e a comunidade sobre direitos humanos e trabalhistas, promovendo ações que possam contribuir para erradicação do trabalho escravo.
- **COMUNIDADE E PODER PÚBLICO:** O projeto desenvolveu várias atividades que envolveram grande parte da comunidade escolar e entidades do poder público, como a Promotoria de Justiça da Comarca de São Geraldo do Araguaia, a Polícia Militar, a Secretaria do Meio Ambiente e o Departamento de Trânsito Municipal. O objetivo era conscientizar tanto professoras e lideranças como alunos e alunas sobre os direitos humanos e trabalhistas.



Hoje a nossa comunidade consegue diferenciar o que é trabalho semelhante ao de escravo; conhecem os Direitos Humanos e o Estatuto da Criança e do Adolescente, os quais enfatizamos e foi bem discutido entre pais, alunos e professores. Durante o período de três anos que estamos desenvolvendo o projeto, a nossa escola tem dado passos largos em relação à melhoria da qualidade de vida e hoje toda a comunidade escolar consegue olhar a vida com novos horizontes e são críticos o suficiente para buscar seus direitos e deveres quando necessário. O nosso compromisso enquanto profissionais é de dar continuidade a esse programa que é de grande valia e automaticamente está inserido em nosso plano de ação para 2011

professora Maria Oneide Costa Lima



- **AS ATIVIDADES:** A abordagem da temática buscou abranger os direitos humanos em sua amplitude, não se limitando ao trabalho escravo. Estudantes participaram de seminários, exibição de filmes, paródias, peças teatrais, confecção de cartazes, panfletos e camisetas. Também realizaram uma simulação de júri na qual o réu foi julgado por abusar sexualmente de sua enteada; o enredo contou com a colaboração do promotor de justiça Dr. Celsimar Custódio.

Todas as produções realizadas no decorrer do projeto foram apresentadas à comunidade, que compareceu em peso ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais para prestigiar as apresentações. No dia anterior, a escola já havia reunido comunidade escolar, mães e pais para realizar uma passeata pela cidade alertando a população sobre a exploração sexual, trabalho infantil e trabalho escravo. O percurso contou com a colaboração do Departamento de Trânsito Municipal que ofereceu segurança aos participantes.

- **ESCOLA COMO REFERÊNCIA:** Por desenvolver projetos sobre trabalho escravo há três anos, a escola tem se tornado um importante local de referência para prevenção e divulgação das formas de aliciamento. Com a crescente participação da comunidade nas atividades, as idealizadoras do projeto avaliam ter conseguido atingir seu objetivo: promover ações por meio da educação e da conscientização que contribuam para erradicar o trabalho escravo rural.





Apresentação da simulação de júri que contou com a colaboração do promotor de Justiça da Comarca de São Geraldo do Araguaia, Dr. Celsimar Custódio



Comunidade escolar em passeata por São Geraldo para alertar a população sobre os perigos do aliciamento para o trabalho escravo e sobre seus direitos trabalhistas

Alunos e alunas mostram faixas que produziram para carregar durante a passeata; o projeto também abordou o trabalho infantil



Desenho elaborado por aluno com o nome do projeto

Alunas apresentam suas produções para o público na culminância do projeto, que contou com a participação de mais de 300 pessoas



COMPANHIA DE TEATRO DA CASA FAMILIAR RURAL DE TUCUMÃ E OURILÂNDIA DO NORTE (PA)

- **QUEM REALIZOU:** Casa Familiar Rural (CFR), localizada no campo entre os municípios de Ourilândia do Norte e Tucumã.

- **A IDEIA:** Promover a discussão sobre o trabalho escravo e direitos trabalhistas para a posterior elaboração de uma peça de teatro envolvendo esses temas.

- **ESTUDO E PEÇA DE TEATRO:** O projeto foi desenvolvido com educandos e educandas da CFR, camponeses, filhos de agricultores migrantes. Muitas atividades foram realizadas: leitura e pesquisas bibliográficas, discussões sobre o conceito de trabalho e sobre os direitos trabalhistas, exibição de filmes, seminários e elaboração da peça de teatro. Estudantes apresentaram suas pesquisas e a peça numa noite cultural promovida pela CFR, que contou com a participação de mães e pais. A peça e demais apresentações foram filmadas em um DVD, que será distribuído em outras CFRs e comunidades da região.

Essa semana de curso sobre legislação trabalhista e trabalho escravo foi uma das mais importantes porque tinha muita coisa que eu não sabia sobre meus direitos de trabalhador. E de patrão, pois contrato pessoal para roçar juquirá lá em casa, fazer umas cercas e ajudar em outras coisas, como sempre fazemos. Acho que esse tema podia ser estudado por todo mundo e muitas vezes.

Educando da Casa Familiar Rural
e agricultor Paulo

- **DIREITOS:** O projeto contou com a colaboração da Comissão Pastoral da Terra, que ajudou na elaboração das fichas pedagógicas para que as educadoras refletissem sobre os temas com educandos e educandas. O projeto encontrou resistências, uma vez que algumas pessoas da comunidade não aceitavam o fato de haver trabalho escravo na região em que vivem. No entanto, educandos e educandas também se surpreenderam ao saber que o trabalhador rural tem direito a férias, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), décimo terceiro, hora extra remunerada, entre outros direitos. Todas as educadoras se mostraram contentes com as atividades desenvolvidas, uma vez que perceberam que os temas trabalhados se encaixam perfeitamente à realidade da região, onde ocorre aliciamento para serviços na mineração e nas fazendas.

EXPERIÊNCIAS COMUNITÁRIAS DE COMBATE À ESCRAVIDÃO - 2010



- PIRITIBA → Lutando pela liberdade, idealizando uma vida melhor
- AÇAILÂNDIA → Comunicar para libertar
- SANTA LUZIA → Educar para conscientizar, combater e formar. Literatura: a arte que imita a vida
- CONFRESA → Erradicação do trabalho escravo contemporâneo
- CONFRESA → As consequências do desemprego para o trabalho escravo
- PORTO ALEGRE DO NORTE → A liberdade não tem cor
- BARRAS → Agricultura familiar X Trabalho escravo
- XAMBIOÁ → Trabalho escravo: um mal a ser combatido
- MARABÁ → Trabalho escravo: esclarecer, educar e transformar
- SÃO GERALDO → "Escravo, nem pensar!"
- TUCUMÃ → Companhia de teatro da Casa Familiar Rural de Tucumã e Ourilândia do Norte-PA

